

Boualem Sansal

2084  
O Fim do Mundo

Tradução de Ana Cristina Leonardo

## Advertência

*O LEITOR DEVE ABSTER-SE de pensar que esta história é verdadeira ou devedora de qualquer realidade conhecida. Não, tudo é verdadeiramente inventado, as personagens, os factos e o resto, e a prova está em que a narrativa se desenrola num futuro distante, num universo distante que em nada se parece com o nosso.*

*É uma obra de pura invenção; o mundo de Bigaye que descrevo nestas páginas não existe e não há qualquer razão para que exista no futuro, assim como o mundo do Big Brother imaginado por mestre Orwell, e tão maravilhosamente ficcionado no seu livro branco 1984, não existia no tempo dele, não existe no nosso e não há nenhuma razão para que exista no futuro. Dormi tranquilas, ó gentes, tudo é perfeitamente falso e o resto está sob controlo.*

## Livro 1



*No qual Ati chega à sua cidade, Qodsabad, a capital do Abistão, após dois longos anos de ausência, um deles passado no sanatório do Sîn, na montanha de Ouâ, e o outro a saltitar pelas estradas de uma caravana para outra. Pelo caminho conhecerá Nas, um pesquisador da poderosa Administração dos Arquivos, Livros Sagrados e Memórias Santas, que regressa de uma missão a um novo campo arqueológico datado de antes da Char, a Grande Guerra Santa, cuja descoberta provocou uma estranha agitação no seio do Aparelho e, supõe-se, no próprio coração da Fraternidade Justa.*

ATI TINHA PERDIDO O SONO. A angústia assaltava-o cada vez mais cedo, quando os fogos se extinguíam e mesmo antes, quando o crepúsculo desenrolava o seu véu desbotado, e os doentes, cansados da longa jornada errante, dos dormitórios para os corredores e dos corredores para os terraços, começavam a voltar para as suas camas arrastando os pés enquanto distribuíam humildes votos de felicidade para a travessia noturna. Alguns não estariam lá no dia seguinte. Yölah é grande e justo, dá e retoma segundo a sua vontade.

Depois a noite vinha, caía tão depressa sobre a montanha que a todos atordoava. Do mesmo modo abrupto, o frio incendiava-se e transformava a respiração em vapor. Lá fora o vento rondava sem tréguas, capaz de tudo.

Os barulhos familiares do sanatório acalmavam-no um pouco, apesar de serem expressão do sofrimento humano e dos seus sobressaltos ensurdecedores, ou manifestações aviltantes da mecânica humana, mas sem que conseguissem sobrepor-se ao borborismo fantasmagórico da montanha: um eco longínquo que ele, mais do que ouvir, imaginava, vindo

das profundezas da terra, carregado de miasmas e ameaças. Situada nos confins do império, a montanha de Ouâ era lúgubre e esmagadora, tanto pela sua imensidão e aspeto feroz como pelas histórias, que corriam pelos seus vales e chegavam ao sanatório trazidas pela multidão de peregrinos que, duas vezes por ano, atravessava a região do Sîn fazendo sempre um desvio pelo hospital, mendigando calor e alimento para o caminho. Vinham de longe, dos quatro cantos do país, febris e andrajosos, em condições muitas vezes precárias; os seus relatos sibilinos, de que faziam parte o maravilhoso, o sórdido e o crime, eram tão sinistros que os contavam em voz baixa, interrompendo-se ao mínimo ruído para espreitar atrás das costas. Como qualquer pessoa, os peregrinos e os enfermos nunca deixavam de estar atentos, no temor de serem surpreendidos pelos vigilantes, talvez pelos terríveis V, e denunciados como *makoufs*, propagandistas da Grande Descrença, seita mil vezes odiada. Ati gostava do contacto com aqueles viajantes de longo curso, procurava-os; eles haviam compilado inúmeras histórias e descobertas ao longo das suas peregrinações. O país era tão vasto e tão completamente desconhecido que gostaríamos de nos perder nos seus mistérios.

Os peregrinos eram os únicos que nele podiam circular, embora não livremente mas segundo calendários precisos, por caminhos balizados dos quais não podiam sair, delimitados por sinais de proibição plantados no meio do nada, planaltos áridos, estepes sem fim, desfiladeiros fundos, lugarejos sem alma, onde os contavam e dividiam em grupos como exércitos em manobras acampados à volta de mil fogos, aguardando uma ordem para reunir ou de partida. Por vezes, as pausas duravam tanto tempo que os penitentes acabavam por se estabelecer em bairros de lata enormes, comportando-se como refugiados esquecidos incapazes de se lembrarem do que na

véspera lhes alimentara os sonhos. Há uma lição a tirar do provisório que dura: o importante já não é a meta mas a pausa, mesmo se precária ela oferece repouso e segurança, o que diz simultaneamente da inteligência prática do Aparelho e do afeto do Delegado pelo seu povo. Soldados apáticos e comissários da fé alucinados e vivazes como suricatas revezavam-se ao longo das estradas, em pontos nevrálgicos, vigiando os peregrinos que viam passar. É impossível saber se algum dia houve uma evasão ou uma caça ao homem, as gentes iam pelo seu caminho ao ritmo que lhes era indicado, arrastavam os pés apenas quando o cansaço as vencia e as fileiras começavam a perder gente. Tudo estava bem controlado e estritamente filtrado, nada podia ocorrer fora da vontade expressa do Aparelho.

Não se conhece a razão de tais restrições. São antigas. A verdade é que a questão nunca aflorou em nenhum espírito, a harmonia reinava desde há tanto tempo que nenhum motivo de preocupação era conhecido. As próprias doenças e a morte, que passavam com excessiva frequência, não afetavam o moral das gentes. Yölah é grande e Abi o seu fiel Delegado.

A peregrinação era a única razão admitida para se circular pelo país, com exceção das obrigações comerciais e administrativas, para as quais os agentes dispunham de um salvo-conduto que devia ser obliterado a cada etapa da missão. Esses controles, que se repetiam até ao infinito e mobilizavam hordas de fiscais e revisores, também não tinham razão de ser, eram um resquício de uma época esquecida. O país vivia guerras recorrentes, espontâneas e misteriosas, isso era verdade. O inimigo estava por todo o lado, tanto podia

surgir de leste ou de oeste, como do norte ou do sul, havia suspeitas, não se sabia como reconhecê-lo nem o que queria. Chamavam-lhe o Inimigo, pronunciando a palavra com ênfase maiúsculo, era suficiente. Julgavam lembrar-se que um dia fora anunciado ser errado nomeá-lo de outra forma, e a decisão pareceu legítima e evidente, não há nenhuma razão sensata para dar um nome próprio a algo que nunca ninguém viu. O Inimigo tomou uma dimensão fabulosa e assustadora. E um dia, sem qualquer sinal que o fizesse prever, a palavra Inimigo desapareceu do léxico. Ter inimigos é um atestado de fraqueza, a vitória é total ou não é. Falava-se de Grande Descrença, falava-se de *makoufs*, palavra nova que significava renegados invisíveis e omnipresentes. O inimigo interior substituíra o inimigo exterior, ou o contrário. Depois vieram os tempos dos vampiros e dos incubos. Aquando das grandes cerimónias, invocava-se um nome que carregava todos os medos, Chatã. Também se dizia o Chatã e a sua assembleia. Alguns viam nisso outra maneira de dizer o Renegado e os seus, expressão que as pessoas entendiam melhor. Há mais. Quem pronuncia o nome do Maligno deve cuspir para o chão e pronunciar três vezes a frase consagrada: «Que Yölah o expulse e o amaldiçoe!» Mais tarde, após se terem ultrapassado alguns obstáculos, deu-se finalmente ao Diabo, ou Maligno, Chatã, ou Renegado, o seu verdadeiro nome: Balis; os seus adeptos, os renegados, tornaram-se balisianos. As coisas pareciam de repente mais claras, mas durante muito tempo houve quem se perguntasse por que razão, em toda a eternidade passada, se tinham usado tantos nomes falsos.

A guerra foi longa e mais do que terrível. Aqui e ali, na verdade por todo o lado (mas sem dúvida diversas desgraças se vieram juntar à guerra, sismos e outros vendavais), veem-se

testemunhos piedosamente conservados, dispostos como instalações artísticas desmesuradas e solenemente oferecidas ao público: blocos de edifícios desventrados, paredes esburacadas, bairros inteiros sepultados sob escombros, carcaças estripadas, crateras gigantescas transformadas em depósitos de lixo fumegante ou lodaçais putrefactos, aglomerados alucinantes de sucata de ferro torcido, despedaçado, nos quais se leem sinais, e, em algumas zonas, vastas áreas interditas de centenas e centenas de *kilosiccas* ou de *chabirs* quadrados, paliçadas toscas no lugar de pontes, tombadas por aqui e acolá, desmanteladas, territórios nus varridos por ventos gelados ou tórridos onde parecem ter tido lugar acontecimentos que ultrapassam o entendimento, pedaços de sol caídos sobre o planeta, magias negras que terão dado origem a fogos infernais, o quê senão isso, pois que tudo, terra, rochas, obras realizadas pela mão do homem, está vitrificado até às entranhas, e desse magma iridescente se liberta uma crepitação atroz que eriça os pelos, provoca um zumbido nos ouvidos, acelera o ritmo cardíaco. O fenómeno atrai curiosos, apinhados junto desses espelhos gigantes, divertindo-se ao ver os pelos arrepiarem-se como nos desfiles, a pele afoguesar-se e empolar a olho nu, o nariz pingar grossas gotas de sangue. Que as populações dessas regiões, homens e animais, sofram de doenças assombrosas, que a sua descendência chegue à vida provida de todas as malformações possíveis e que, para isso, não tenha sido encontrada uma única explicação, não intimidou ninguém, continuou-se a agradecer a Yölah os seus benefícios e a louvar Abi por interceder carinhosamente pelo seu povo.

Painéis informativos estrategicamente colocados explicavam que após a guerra, chamada Char, a Grande Guerra Santa, a destruição se estendia até ao infinito e os mortos,

os novos mártires, se contavam por centenas de milhões. Durante anos, décadas inteiras, todo o tempo de duração da guerra e até muito depois, foram em grande número os homens que se dedicaram a recolher os cadáveres, transportá-los, empilhá-los, incinerá-los, cobri-los de cal viva, enterrá-los em valas sem fim à vista, amontoá-los nas entranhas de minas abandonadas, no fundo de grutas seladas a dinamite. Um decreto de Abi veio legalizar, pelo tempo necessário, essa práxis remota de ritual fúnebre do povo dos fiéis. A recolha e incineração de cadáveres foram profissões em voga. Qualquer homem com músculo e bons costados se podia dedicar a elas, a tempo inteiro ou ocasionalmente entre duas temporadas, mas no final não restavam no ativo senão os verdadeiramente rijos. Iam de região em região, levando consigo aprendizes e ferramentas, em carroças puxadas à força de braços, cordas, uma roldana, uma buzina e, no caso dos mais bem equipados, um animal de carga, obtinham uma concessão para o trabalho e metiam mãos à obra. A memória dos antigos registou a imagem desses colossos austeros e pacatos, caminhando ao longe por veredas e desfiladeiros, os grossos aventais de couro a golpear-lhes as coxas fortes, empurrando carriolas duramente carregadas, seguidos dos seus aprendizes e por vezes da família. O cheiro da profissão perseguia-os, precedia-os, adentrando-se por todo o lado, pestilência emética de carne putrefacta, de gordura queimada, carne viva efervescente, terra poluída, gases obsessivos. Com o correr do tempo, tais homens foram desaparecendo, o país estava desinfestado, só sobraram alguns velhos taciturnos e vagarosos que pernoitavam pobremente nos arredores dos hospitais, dos asilos e dos cemitérios. Triste fim para os heroicos varredores da morte.

O Inimigo tinha simplesmente desaparecido. Nem um único vestígio foi encontrado da sua passagem pelo país, da

sua miserável presença na terra. A vitória sobre o Inimigo foi «total, definitiva, irrevogável», segundo o ensinamento oficial. Yölah assim decidira e ao seu povo, mais devoto do que nunca, oferecera a supremacia que lhe estava prometida desde os primórdios. Uma data se impusera, sem que se saiba como nem porquê, implantada nos cérebros e figurando em todos os painéis comemorativos colocados junto às ruínas: 2084. Teria ela uma relação com a guerra? Talvez, embora nunca se mencionasse se correspondia ao início ou ao fim do conflito, ou mesmo a algum episódio particular. Havia-se conjeturado uma coisa, depois outra, mais subtil, mais de acordo com a santidade da vida. A numerologia transformava-se num desporto nacional, somava-se, subtraía-se, multiplicava-se, fazia-se tudo o que era possível fazer com os números 2, 0, 8 e 4. Durante certo tempo vingou a ideia de que 2084 era tão-só a data de nascimento de Abi ou a da sua iluminação pela luz divina que deflagrou quando ele entrava no quinquagésimo ano de idade. Quanto ao facto de Deus lhe ter concedido um papel novo e único na história da humanidade, disso ninguém duvidava. Foi por essa altura que o país, que não tinha então outro nome senão «o país dos fiéis», se passou a chamar «Abistão», um nome muito bonito que era usado pelos oficiais, Honoráveis e Correligionários da Fraternidade Justa, e pelos agentes do Aparelho. A arraia-miúda mantinha a velha designação de «país dos fiéis» e, nas conversas do dia a dia, esquecendo riscos e perigos, ficava-se pela expressão mais curta, dizia «o país», «a casa», «o lar». O olhar dos povos é assim, remansoso e realmente pouco imaginativo, não vê nada que fique para além da porta. Dir-se-á que se trata de uma cortesia; o alhures tem os seus próprios mestres, olhá-lo é violar uma intimidade, romper um pacto. A introdução do nome abistanês, abistaneses no plural,

tinha uma faceta oficial stressante que remetia para aborrecimentos e chamadas à ordem que, em certos casos, passavam a intimações; as pessoas entre si diziam «as pessoas», convencidas de que isso bastava para se reconhecerem.

A data foi remetida, noutra ocasião, para a fundação do Aparelho e, mais tarde, para a da Fraternidade Justa, a congregação de quarenta dignitários escolhidos, entre os crentes mais dignos de confiança, por Abi em pessoa, após ele próprio ter sido eleito por Deus para o assistir na tarefa colossal de governar o povo dos fiéis e o conduzir até à outra vida, onde todos serão individualmente interrogados pelo Anjo sobre a justiça das suas obras. Dizia-se que à luz do Anjo, as sombras nada podiam esconder, elas eram um revelador. Foi durante esses acontecimentos, que se sucediam como réplicas cataclísmicas, que Deus ganhou o novo nome de Yölah. Os tempos tinham mudado, segundo a Promessa primordial um outro mundo nascera numa terra purificada consagrada à verdade, sob o olhar de Deus e de Abi. Era necessário renomear tudo, reescrever tudo, de modo que a nova vida não fosse de maneira nenhuma manchada pela História passada, a partir de então considerada caduca, apagada como se nunca tivesse existido. A Fraternidade Justa dá a Abi o título humilde, mas sobremaneira revelador, de Delegado e cria para ele uma saudação sóbria e comovente. As pessoas diziam «Abi, o Delegado, que ele seja louvado», e abraçavam-se dando uma pancada nas costas com a mão esquerda.

Circularam inúmeras versões antes que tudo se extinguísse e entrasse na ordem. A História foi reescrita e selada pela mão de Abi. Tudo o que dos antigos tempos se teria podido agarrar ao fundo das memórias expurgadas, estilhaços, vapores, alimentava apenas delírios ambíguos em velhos que sofrem de demência. Para as gerações da Nova Era, as datas,

o calendário, a História não tinham importância, não mais do que um rasto do vento no céu, o presente era eterno, o hoje permanece, o tempo inteiro cabe na mão de Yölah, ele sabe coisas, ele decide do seu significado e informa quem ele quiser.

Para todos os efeitos, 2084 era uma data fundadora para o país, embora ninguém soubesse a que é que ela correspondia.

O assunto era, pois, sem ser absurdo, simples e complicado. Os candidatos à peregrinação inscreviam-se numa lista para determinado lugar santo, escolhido em seu nome pelo Aparelho, e aguardavam ser chamados a incorporarem-se numa caravana que partisse para o seu destino. A espera, sem apelo, durava um ano ou a vida inteira, caso em que o filho mais velho do defunto herdava o certificado de inscrição, mas não o segundo e nunca as filhas: a santidade é indivisível e não muda de sexo. Seguia-se uma festa grandiosa. A ascese que passava para o primogénito reforçava a honra da família. Eram milhões e milhões através do país, vindos de todas as suas sessenta províncias, contando os dias que os separavam da grande partida, o Jobe, a Jornada Abençoada. Em certas regiões, criara-se o costume de anualmente se reunirem multidões imensas que se flagelavam fartamente com um chicote com pregos, em alegria e algazarra, declarando assim que o sofrimento não é nada comparado com a alegria de esperar pelo Jobe; noutras regiões, reuniam-se assembleias de homens dispostos em círculos de pernas cruzadas, joelhos com joelhos, em que se escutava os velhos candidatos à peregrinação, chegados ao fim das suas forças mas não da esperança, que contavam o seu longo e bem-aventurado calvário chamado «Expectação». Cada frase pronunciada era pontuada pelo acólito de serviço armado com um potente altifalante: «Yölah

é justo», «Yölah é paciente», «Yölah é grande», «Abi guarda-te», «Abi está contigo», etc., retomados por dez mil goelas embargadas pela emoção. Rezava-se depois ombro com ombro, cantava-se a plenos pulmões, entoavam-se odes escritas pela mão de Abi, e recomeçava-se até cair para o lado. E chegava o momento alto. Degolavam-se carneiros e manadas de vacas gordas. Os carniceiros mais hábeis da região eram requisitados, tratava-se de um sacrifício, degolar não é matar mas exaltar. Em seguida era preciso assar toda aquela carne. As chamas avistavam-se ao longe, o ar carregava-se de gordura, e o bom cheiro a carne grelhada espicaçava tudo o que num raio de dez *chabirs* tivesse nariz, focinho, boca ou bico. Era como uma orgia, interminável e rude. Os mendigos que acorriam eletrizados em enxames, atraídos pelo fumo, não resistiam à abundância dos rios de carne que escorria, uma embriaguez extrema tomava-os conduzindo-os a comportamentos alheios à religião, mas, apesar de tudo, a sua voracidade era bem-vinda: senão o que fazer a tanta carne santificada? Deitá-la fora seria um sacrilégio.

A paixão pela peregrinação era alimentada por campanhas ininterruptas que misturavam anúncios, sermões, feiras, concursos e manipulações diversas, nas quais se empenhava o muito poderoso Ministério dos Sacrifícios e Peregrinações. Era uma antiga e muito santa família amada por Abi quem detinha o monopólio da Agitação, o *maucime*, que ela exercia com a justeza que convém à fé, «Demasiado não é suficiente» era o seu slogan comercial, conhecido até das crianças. Muitos outros profissionais gravitavam à volta dos sacrifícios e das peregrinações, tantos como as nobres famílias que se empenhavam em dar o seu melhor. No Abistão, não existia outra economia senão a religiosa.